

VALE A PENA VER DE NOVO DAS REDES SOCIAIS:

O sujeito indexado e o consumo de memórias pelo *Timehop*¹

Roberta de Oliveira MONTEIRO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Sob a ótica de pesquisas sobre cibercultura e memória, este artigo visa compreender alguns dos recursos disponibilizados pelo *Timehop*. Esse aplicativo oferece uma linha do tempo que se renova diariamente e apresenta os conteúdos compartilhados por seus usuários em outras redes sociais nos anos anteriores. O *Timehop* é interessante para observarmos questões pertencentes ao cenário comunicacional contemporâneo, pois trabalha com as temáticas da documentação da vida por meio da publicação de relatos em redes sociais e também a possibilidade de administração de lembranças por meio dessas plataformas. O trabalho se desenvolverá a partir de pesquisas bibliográficas sobre conceitos relacionados, dentre outros aspectos, à pós-modernidade, à cibercultura e à memória, por meio de autores como Zygmunt Bauman, Maria Cristina Ferraz, Paula Sibilia, Helena Katz e André Lemos.

Palavras-chave: cultura digital; redes sociais; redes subjetividade; memória; *Timehop*.

A tentativa humana de registrar o vivido para eternizar experiências não teve início na era digital, mas nas últimas décadas observa-se um aumento exponencial na quantidade de instrumentos que permitem diferentes formas de documentação da vida e conservação de memórias.³

Nesse mesmo sentido, temos com o surgimento e difusão das redes sociais digitais, presentes e muito fortes na plataforma *mobile*, a possibilidade de compartilhar

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada no curso de Comunicação Social da ESPM-SP, email: roberta.monteiro94@gmail.com.

³ No Brasil, por exemplo, mais de 57% da população possui *smartphones*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/57-da-populacao-brasileira-usa-smartphone-diz-estudo/>> Acesso em: 07/17

estas experiências com um número maior de pessoas. Neste cenário pulsante, como se dão as políticas de subjetivação e as interações dos sujeitos com suas lembranças pessoais?

Para investigar estes temas, dividimos o presente artigo em três etapas. Na primeira delas, contextualizamos o momento atual a partir da perspectiva de autores como Bauman, Rolnik, Sibilia, e Katz. Na segunda etapa, percorremos as temáticas da memória e da possibilidade de administração de lembranças pessoais a partir do uso de redes sociais da *internet*, tendo como base a perspectiva de Bergson e Ferraz.

Por fim, apresentamos um recorte do estudo de caso do *Timehop*, um aplicativo para *smartphones* que realiza uma espécie de curadoria de conteúdos pessoais e oferece aos seus usuários a possibilidade deles revisitarem fotos, vídeos e relatos postados anteriormente em outras redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, e *Twitter*.

O sujeito indexado e a manutenção permanente da autoimagem

A sociedade pós-moderna descrita por Bauman (2001) caracteriza-se pelo distanciamento da ordem moderna, momento em que as ações humanas podiam encontrar certezas e um porto-seguro nas instituições tradicionais. O autor se vale da metáfora da liquidez para descrever os sentimentos de instabilidade e insegurança que povoam as esferas mais íntimas de nossa existência. Para Bauman (2001), a falta de referenciais sólidos e fixos seria um dos principais indicadores para compreendermos a instabilidade nas relações entre os sujeitos na sociedade contemporânea.

Vive-se sob uma lógica de mudança constante, rápida e permanente, onde há fluidez nas instituições e relações sociais e manter-se em movimento é uma das principais regras da vida. Segundo o autor, “para que as possibilidades continuem infinitas nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre” (2001, p. 74).

Em uma palestra no evento Educação 360⁴, Bauman ilustra o presente momento traçando um paralelo com a prática de surfe. O sociólogo afirmou que o sujeito contemporâneo deixou de estar dentro da água para surfar sobre ela. Além de consistir em um movimento mais rápido do que nadar, neste pensamento, os sujeitos que são bons surfistas são aqueles que não molham seus pés. Em contrapartida, por estarem sobre de

⁴ Informação obtida oralmente no evento Educação 360, ocorrido em 11/09/15. Transcrição realizada pela autora.

uma prancha, não conseguem enxergar ou entrar em contato com o que há além da superfície.

Sibilia (2008) compreende este momento como uma fase da história em que somos convocados a realizar um contínuo processo de edição de autoimagem. Tornou-se menos nítida a separação entre o que se restringia às intimidades dos sujeitos e o que é passível de exibição. Assim, com esta crescente publicização do privado, Sibilia afirma haver, agora, “um tipo de *eu* mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas” (SIBILIA, 2008, p.23, grifo da autora).

Sejam estas telas as de um computador, *smartphone* ou *tablet*, a autora nos atenta para como este cenário propicia o desenvolvimento da cibercultura, que é uma nova forma sociocultural de relação com a *internet* que modifica e é modificada pelos hábitos dos sujeitos. A lógica da cibercultura implica em “novos sentidos da tecnologia com a emergência do paradigma informacional” (LEMOS, 2010, p.22). Ainda segundo Lemos, cibercultura “é o conjunto tecnocultural (...) impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais” (LEMOS, 2010, p.21).

Houve, assim, crescente familiarização entre sujeitos e computadores pessoais, que inicialmente se restringiam aos profissionais da programação. Este cenário tem se mostrado cada vez mais complexo devido a difusão de outros tipos de aparelhos eletrônicos como celulares e *tablets*. Em consequência, os indivíduos estão mais familiarizados com o manuseio dessas interfaces, que por sua vez estão cada vez mais maleáveis, leves e dinâmicas.

Concomitante à crescente maleabilidade destes aparatos, observa-se uma informatização do dia a dia e até da maneira de pensar dos indivíduos. Flusser (1983), discute que os pensamentos são, na contemporaneidade, constituídos a partir de um cenário onde os avanços tecnológicos ganharam notória participação em nossas vidas. O autor alega que:

A estrutura pós-histórica do nosso pensamento pode ser encontrada em vários outros terrenos: biologia, psicologia, linguística, informática, cibernética, para citar apenas alguns. Em todos, estamos já, de forma espontânea, pensando *informaticamente*, *programaticamente*, *aparelhisticamente*, *imagicamente*. Estamos pensando do modo pelo qual “pensam” computadores (FLUSSER, 2011, p.103).

Neste sentido, o modelo de *Web 2.0*⁵ oferece aos seus usuários diferentes possibilidades de construção identitária e exposição. As redes sociais digitais constituem um instigante canal para observarmos as estratégias de visibilidade utilizadas por estes sujeitos para se mostrar ao outro, sendo um dos reflexos dos modos de existir da sociedade atual.

A atualização de um perfil em *sites* como o *Facebook* e o *Instagram* caracterizariam uma espécie de manutenção da autoimagem, de modo que ali, o papel de cada usuário seria realizar uma “curadoria do eu” (SIBILIA, 2008). Estas subjetividades, mais multifacetadas e supostamente mais adaptáveis ao contexto e demandas do outro, estariam se compondo a partir de um cenário midiático. Sibilía explica que:

A espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para “ficar bem na foto”. As receitas mais efetivas emulam os moldes narrativos e estéticos de tradição cinematográfica, televisiva e publicitária, cujos códigos são apropriados e realimentados pelos novos gêneros que proliferam na internet. (SIBILIA, 2008, p.50)

Nesta vida um tanto quanto performática, parece haver um exercício permanente de recomposição e edição da própria identidade, “mesmo que dure dois minutos”⁶. Rolnik (2016) afirma que estas subjetividades, mais flexíveis, vivem em um constante processo de experimentação e de publicação *online* do vivido⁷, de modo que estes sujeitos recompõem suas identidades segundo estratégias que os entreguem reconhecimento e pertencimento às suas redes de conexão.

A fim de caracterizar novos modos de existir decorrentes das transformações principalmente tecnológicas às quais nos vemos expostos, Helena Katz (2012) refere-se a este sujeito como “indexado”. Indexar, de acordo com o dicionário Michaelis⁸, significa “ordenar em forma de índice, ajustar um valor segundo um índice determinado”. Remete a colocar em ordem e, neste novo contexto, o sujeito indexado é aquele que:

⁵ Etapa da história em que os usuários de *internet* não só interagem como também passam a produzir grande parte do conteúdo presente no ciberespaço.

⁶ “Suely Rolnik: Entrevista Completa - Narciso no Espelho do Século XXI”
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY>. Acesso em: 07/17

⁷ “Suely Rolnik: Entrevista Completa - Narciso no Espelho do Século XXI”
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY>. Acesso em: 07/17

⁸ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=indexar>> Acesso em: 10/15

Foi produzido no dia a dia das muitas horas vividas na frente das telas. É o novo habitante de um mundo atravessado pelas tecnologias do contato e da mobilidade, um sujeito que não tem qualquer possibilidade de controle sobre as informações que envia para quem deseja. Essas informações são usadas por quem e com propósitos que ele desconhece. Ele é permanentemente rastreável, permanentemente público, sem direito à privacidade.⁹

Apesar do surgimento de modelos de conexão e comunicação propiciados pelas novas tecnologias, parece ter diminuído a nossa capacidade de estabelecer vínculos. Katz (2012) fala de uma sociedade solitária, formada a partir de um conjunto de “ilhas-do-eu” de sujeitos indexados que repetidamente adicionam fragmentos de sua existência na *internet*.

Podemos estabelecer uma associação entre estas “ilhas-do-eu” que Katz (2012) se refere e a metáfora de Bauman (2015) sobre o sujeito contemporâneo surfar sobre ondas. Por não entrar em contato com o que há além da superfície da água, as “ilhas-do-eu” representam pequenos pontos de estabilidade no meio do oceano, pequenos bancos de areia que delineiam um ideal de segurança em meio a incertezas das mais diversas ordens. Estes pontos firmes seriam uma metáfora do que se busca reter sobre si mesmo e sobre o vivido.

O registro de momentos e a criação de lembranças não é mais rara e nem permanece restrita à contemplação no âmbito do lar, pois o que é bom aparece e, se aparece, é bom (SIBILIA, 2008). Um acontecimento parece se concretizar somente depois que foi registrado e compartilhado *online*.

A expressão “sujeito indexado” (KATZ, 2012) é valiosa pois ressalta como as estratégias de visibilidade observadas na *internet* reconfiguraram as chamadas políticas de subjetivação (ROLNIK, 2017). É como se a adição de conteúdos *online* constituísse uma tentativa de catalogar registros da própria vida enquanto esses, por sua vez, ficam arquivados em redes sociais segundo uma variável temporal. Sendo assim, quando unidos compoem um todo, estas postagens se assemelham a um grande arquivo da vida deste sujeito curador.

⁹ “A(s) dança(s) do(s) sujeito(s) indexado(s)” Disponível em:
<http://issuu.com/donaorpheline/docs/chamando_ela_por_helena_katz_4368a52330a595> Acesso em:
10/15

Considerando o exposto, é evidente que com estes novos modos de performar a própria autenticidade (SIBILIA, 2015), é reconfigurada a forma como nos relacionamos com os registros fotográficos e audiovisuais publicados na *web*.

Redes sociais digitais como extensões da nossa memória

Como vimos, a possibilidade de postar registros da própria vida se dá em um contexto em que as tecnologias estão imbricadas em complexas práticas de discursos identitários. Partindo desse pressuposto, discorreremos sobre a possibilidade de administração de lembranças a partir do uso de redes sociais da *internet*.

Ferraz (2008), problematiza o paradoxo de estarmos na era da informação ao mesmo tempo em que parecemos compartilhar um medo do esquecimento, ressaltando que é como se houvesse, atualmente, uma erosão no sentimento de continuidade da vida. A autora afirma que “a lógica da produtividade, do curto prazo, tanto nas relações de trabalho quanto nas ligações pessoais, tende a curto-circuitar o sentimento de continuidade do vivido”¹⁰.

Nesse sentido, *sites* de redes sociais apresentam uma oferta tentadora: uma verdadeira “solução” contra a insegurança de percorrer uma vida sem registros. Seu uso caracterizaria uma tentativa de os sujeitos driblarem a descontinuidade e, portanto, o esquecimento a que todos estaríamos submetidos.

Ainda de acordo com a autora, especialmente nas últimas décadas há “uma tendência culturalmente disseminada de se reduzir tudo o que somos ao cérebro” (FERRAZ, 2008, p.264), sendo ele “atualmente entendido por analogia com as máquinas computacionais e vice-versa” (FERRAZ, 2008, p.262). Nesse sentido, a informatização do nosso cotidiano teria influenciado na maneira como nos relacionamos com nossas próprias memórias, já que o cérebro é comumente relacionado a elas.

É interessante traçarmos uma relação entre a ideia de memória e os registros que postamos em redes sociais. Estas plataformas assumiram o papel de arquivar os “documentos” de quem um dia contamos ser na *web*. Falamos aqui de uma espécie de

¹⁰ “Esquecer em tempos de tecla *save*”

Disponível em: <<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2952,1.shl>> Acesso em 07/17

terceirização do armazenamento de registros. Nesse sentido, estas memórias pessoais estariam se digitalizando, pois:

(...) ao permitir a *digitalização* dos “conteúdos mentais” e o processamento desses dados com a ajuda de computadores, são ultrapassadas as tradicionais limitações do organismo humano. Um corpo que se apresenta tão rigidamente *analógico* como obsoleto nos tempos que correm, e por tal motivo precisa ser turbinado com recursos técnicos (SIBILIA, 2008, p.131).

Não trazemos para o artigo uma perspectiva médica a respeito da anatomia e funcionamento cerebrais, uma vez que este não é o enfoque deste estudo e nem mesmo a perspectiva adotada pelas autoras apresentadas. Em contrapartida, trazemos a esta pesquisa uma perspectiva do campo da comunicação, partindo de uma associação entre o funcionamento cerebral e das novas tecnologias, finalmente chegando às estratégias de visibilidade presentes em redes sociais da *internet* no que diz respeito à forma como os usuários constroem suas subjetividades.

Estas redes parecem prestar a seus consumidores um serviço de digitalização de suas lembranças. Constituem-se como espaços que permitem postagem e arquivamento de uma memória pessoal, no sentido de dar a ela um lugar onde possa permanecer conservada para além do cérebro, órgão onde poderia cair no esquecimento. Relacionando o funcionamento de um cérebro ao de um computador, Ferraz retoma o pensamento de Bergson:

Para Bergson, portanto, o cérebro não serve para armazenar lembranças. Estabelece, antes, um vínculo crucial entre o passado (que se conserva por inteiro) e a ação presente. Funciona como um mediador entre as lembranças que se atualizam e a totalidade da memória, que permanece suspensa na virtualidade (FERRAZ, 2008, p.277).

Sendo assim, é como se máquinas como os computadores operariam de modo semelhante ao cérebro, uma vez que mantêm certas memórias armazenadas, suspensas em um estado de virtualidade. Ferraz cita Bergson novamente, que afirma que “(...) o cérebro contribui para lembrar a lembrança útil, mas, mais ainda, para afastar provisoriamente todas as outras” (BERGSON apud FERRAZ, 2010, p.76). Dessa forma, se a memória nunca se apaga completamente, permanecendo *suspensa* no cérebro, as redes sociais poderiam operar como extensões dela, pois estas plataformas acabam por

deixar os registros publicados por seus usuários em modo de dispersão, mas não deletados permanentemente¹¹.

Deixando de lado o risco de os arquivos que permanecem suspensos na *web* serem perdidos ou deletados e considerando somente sua suspensão, seria possível uma associação entre a releitura de Bergson realizada por Ferraz e a atual relação entre redes sociais digitais e as postagens ali armazenadas.

O estado de suspensão das memórias na *web*, segundo uma perspectiva bergsoniana, seria benéfico para o homem não somente quando há a possibilidade de resgate destas recordações no futuro, mas também diante da possibilidade de que novos relatos possam ser publicados. Para poder viver e postar mais, é preciso que as postagens já feitas sejam deixadas de lado, mesmo que temporariamente: “a função do cérebro não consiste em arquivar recordações mas em suspender a memória, uma suspensão interessada que é uma forma do esquecimento necessária à vida e à ação” (SIBILIA, 2008, p.143).

Partindo da premissa de que esses registros são publicados com a intenção de serem mostrados, emergem também novas formas de se relacionar com estes arquivos. Ferraz afirma estarmos “imersos na duração, em um presente que dura”, ou em uma “coleção de tempos presentes”, de acordo com Sibilía e Diogo (2011). Um momento em que parece haver constantemente a adição de novos presentes no passado, sem a possibilidade deste último sedimentar e tornar-se sólido, jamais sendo estático. Assim, “nossa memória não consiste de modo algum em uma regressão do presente ao passado, mas, ao contrário, em um progresso do passado no presente” (BERGSON apud FERRAZ, 2010, p.76).

O movimento de resgate de arquivos “antigos” parece se dar a partir de uma aproximação com a experiência do presente, que por sua vez é cada vez mais presentificado (SIBILIA e DIOGO, 2011) e dinâmico. Segundo a leitura de Ferraz, então, “a memória do homem – vivente dotado da preciosa capacidade de hesitar –, ao se virtualizar e manter em sua integralidade, funciona como uma fonte inesgotável, prenhe de novos futuros” (FERRAZ, 2010, p.83).

¹¹ Todavia, é necessário pontuar computadores, *smartphones* e outros dispositivos eletrônicos nem sempre cumprem a promessa de arquivamento permanente de informações. Por vezes nos vemos sujeitos à lapsos e à conseqüente possibilidade de perda de alguns arquivos pessoais.

Mais do que uma aproximação com este presente que dura, a memória bergsoniana é aquela que permite aos sujeitos infinitas atualizações possíveis. A suspensão *online* de registros a partir dos momentos vividos compõe as experiências de vida deste sujeito indexado (KATZ, 2012) e se faz valer justamente devido a sua lógica de permitir que eles continuem postando mais e mais memórias.

O aniversário das memórias digitalizadas

Nesta última parte, ilustramos as teorias e reflexões apresentadas acima em um estudo de caso do aplicativo *Timehop*, lançado em 2011 por Jonathan Wegener e Benny Wong. Esta aplicação permite que seus usuários entrem em contato, por meio de uma linha do tempo diária, com o conteúdo postado em suas redes sociais naquele determinado dia nos anos anteriores.

Ao fazer o *download* do aplicativo, o usuário decide com quais redes sociais digitais sincronizará com o *Timehop*¹², sendo as redes possíveis o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Foursquare* e *Dropbox*¹³, além de aplicações como o *iPhoto*¹⁴ e também o rolo da câmera.¹⁵

Como dissemos, a notificação diária possui como filtro para seu conteúdo a data do dia em questão, de modo que o *Timehop* envia a seus usuários o que eles postaram na *web* neste dia, só que nos anos anteriores. A princípio, este conteúdo só é visto pelo dono do perfil, embora ele possa compartilhar estas postagens na *web* mais uma vez. Detalharemos a mecânica de funcionamento do *Timehop* nos parágrafos a seguir:

(I) Criação e postagem de registros

Esta etapa diz respeito à postagem de conteúdos pessoais em *sites* de redes sociais. Ou seja, o usuário que possui um perfil ativo em algum dos *sites* mencionados digitaliza

¹² Neste contexto, sincronizar diz respeito a programar duas plataformas diferentes para interagirem em conexão a partir de dados presentes em uma ou ambas.

¹³ O *Dropbox* é um serviço que permite armazenamento e compartilhamento de arquivos através do conceito de computação em nuvem (“*cloud computing*”). Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/01/dez-dicas-interessantes-mostram-o-que-o-dropbox-e-capaz-de-fazer-veja.html>> Acesso em: 10/15

¹⁴ O *iPhoto* é o aplicativo da *Apple* para visualização, edição e compartilhamento de imagens entre os dispositivos da marca. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/iphoto.html>> Acesso em: 10/15

¹⁵ Pasta em que ficam armazenadas imagens e vídeos salvos no aparelho celular ou *tablet* do usuário em questão.

suas memórias conforme deseja. Neste momento, o fator “tempo”, que orienta o funcionamento deste aplicativo, entra em ação. Para que o usuário do *Timehop* seja notificado com o conteúdo que introduziu na *web* anteriormente, este material precisa completar ao menos um ano de existência neste meio. Falamos, dessa forma, de uma *timeline* diária, em que cada postagem só fica em evidência no período de um dia, uma vez por ano, quando faz “aniversário”.

Este período de tempo parece necessário para que o usuário, que presumimos ser produtor de conteúdo nas redes sociais em que possui perfil cadastrado, supostamente se esqueça daquilo que um dia postou. A tarefa do *Timehop* é reunir estas lembranças, tornando-as relevantes e até surpreendentes para estes sujeitos. A seguir, a figura de uma imagem postada no *Facebook*, no dia 15/11/13:



Foto postada em 15/11/13.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/B2agencia/photos/t.1296218988/621982724507908/?type=3&theater>>

Acesso em: 11/15

(II) Cápsula do tempo diária: resgate de postagens

Geralmente no período da manhã, os usuários do *Timehop* que permitiram o envio de notificações pelo aplicativo recebem um informe com frases como “*Your Timehop day is ready! 2 yrs ago*”¹⁶. Esta frase dá ênfase à suposição de que no contexto dessa aplicação,

¹⁶ “Seu *Timehop* está pronto! Dois anos atrás”. Texto traduzido pela autora.

todos os dias são dias do *Timehop*, o que pode trazer uma sensação de repetição, como a vivenciada pelo personagem interpretado pelo ator Bill Murray no filme *O Feitiço do Tempo* (1993)¹⁷, comédia em que o protagonista inexplicavelmente se via preso no tempo, vivenciando diariamente os mesmos eventos. Se o aplicativo não é aberto no momento desta notificação, envia outras para seus usuários no decorrer do dia, contendo mensagens como “*Your Timehop is waiting!*”¹⁸.

Em sua *timeline*, ficam expostos por ordem cronológica e de acordo com cada rede social tudo o que o usuário postou nesses *sites* neste dia nos anos anteriores. A seguir, a mesma imagem da figura anterior, agora subordinada às especificidades da linha do tempo do *Timehop*:



Foto enviada pelo *Timehop* em 15/11/15.

Disponível em: <<https://www.timehop.com>> Acesso em: 11/15

Por tomar forma a partir de um sistema de retroalimentação, ativo somente se o usuário posta conteúdos em outros *sites*, é como se o *Timehop* oferecesse a estes sujeitos a possibilidade de administrar suas próprias lembranças, pois uma vez que cada usuário decide o que, quando e como postará algo na *web*, ele terá acesso somente às recordações que desejou compartilhar *online*. O *Timehop* opera, então, em função das outras redes sociais, reunindo memórias digitalizadas que um dia estes usuários produziram.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-8066/>> Acesso em: 10/15

¹⁸ “Seu *Timehop* está te esperando!”. Texto traduzido pela autora.

Uma das principais diferenças entre esse aplicativos e *sites* como o *Facebook* e o *Instagram*, é que o primeiro só existe em função do segundo. O *Timehop* parece ter valor para as outras plataformas, uma vez que ajuda seus usuários a se reengajarem com suas memórias antigas, consequentemente aumentando o uso das redes sociais. Wegener afirma que o vetor do *Timehop* é o tempo, e não pessoas ou lugares, o que o diferencia de outros *sites*. Ele reitera que:

Facebook, Instagram e Twitter são mais do mesmo. Há um *feed* de notícias no topo dessas página e assim que um conteúdo se torna velho uma hora ou uma semana após ser compartilhado, ele cai do penhasco do *real time* para nunca mais ser visto novamente. O *Timehop* existe principalmente por causa destes serviços.

No final de uma entrevista ao portal *TechCrunch*, o CEO alega estar construindo uma rede social sobre aniversários. No *Timehop*, a história de cada usuário ganha uma posição de destaque, onde merece ser contemplada em um primeiro momento por ele e, posteriormente, por seus amigos virtuais, caso ele opte por reintroduzir aquela memória na *web*.

Considerações finais

Ao contrário de outras redes, onde uma postagem visa alcançar certo grupo de amigos virtuais, ocorrendo muitas vezes no exato momento em que se concretiza “fora” da *web*, nesta aplicação vemos uma inversão de papéis: se um dia este *eu curador* compartilhou algum relato para mostrar para os outros quem é ou era, no consumo do *Timehop* ele se torna o único espectador da sua história digitalizada.

Nesse sentido, quando os sujeitos recebem os conteúdos que postaram na *web* nos anos anteriores parece ter início um movimento de ressignificação da experiência vivida. Seja através de uma lógica de comparação em relação ao momento presente ou por meio de um sentimento de nostalgia, o *Timehop* incentiva a atribuição de novos sentidos às antigas publicações. E seus consumidores, por sua vez, parecem entender a proposta dessa dinâmica. Como exemplo, citamos um comentário feito por um usuário, que afirma que a aplicação é um “Vale a pena ver de novo da sua vida digital nas redes sociais”¹⁹. Nesta

¹⁹ Comentário extraído da aba “Opiniões” da *App Store*. Acesso em: 10/15

frase, é curioso observar que parte-se do pressuposto de que se algo foi postado na *internet*, já é algo valoroso.

O *Timehop* se apropria de uma necessidade inerente ao ser humano de documentar sua vida. Ao longo de sua história, diferentes práticas de registro tiveram seu valor e foram reconfiguradas na medida que surgiram novas técnicas. Sobre isso, já refletimos de forma enfática no trabalho. Contudo, atualmente, esta dinâmica de ressignificação do que foi postado pode instigar estes usuários a produzirem ainda mais conteúdo para digitalização. Afinal é esta a condição da notificação diária, o que faz com que o próprio usuário sinta-se o agente responsável pelas suas próprias recordações. Outros dois comentários na *App Store* reforçam esta hipótese: “Vontade de postar mais fotos”²⁰ e “Me fez postar mais coisas para reviver daqui uns anos”²¹.

Estes sujeitos indexados (KATZ, 2012), que têm cada vez mais suas intimidades expostas na *web* se veem diante de um cenário em que fragmentos sobre a própria vida se dispersam no ciberespaço com velocidade e quantidade cada vez maiores. Estes avanços fizeram com que se perdesse o controle sobre as próprias informações, que mesmo quando dispersas, tornam esses indivíduos permanentemente rastreáveis²². O *Timehop* traz alguns desses relatos para perto novamente. Em um meio em que todos parecem se sentir à vontade para “se exhibir” conforme o próprio desejo, esta catalogação a respeito de suas vidas seria uma extensa pasta suspensa de memórias.

A criação destes conteúdos seria então uma tentativa de compensar um sentimento de descontinuidade do vivido que permeia a vida do sujeito contemporâneo. Esta construção de relatos é também uma tentativa contra o esquecimento ao qual todos estaríamos sujeitos. O armazenamento de recordações no ciberespaço surge, assim, como uma possibilidade de assegurarmos o que foi vivido. O *Timehop* não apenas compreende esta necessidade como propõe aos seus consumidores a segurança de que as postagens vinculadas a ele não se dispersarão.

²⁰ Comentário extraído da aba “Opiniões” da *App Store*. Acesso em: 10/15

²¹ Comentário extraído da aba “Opiniões” da *App Store*. Acesso em: 10/15

²² Sobre a temática de termos informações pessoais disponíveis na *web* principalmente para empresas, por exemplo, Gisele Pappa, professora-adjunta do Departamento de Ciências da Computação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), afirma que “se quiser privacidade, você terá de abandonar dispositivos conectados à *internet*, voltar a armazenar arquivos em *pendrive* e ter um celular que só faz ligações, em vez de um *smartphone*. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/nova-bolha/>> Acesso em: 11/15

Entretanto, embora reúna este conteúdo supostamente esquecido pelos sujeitos, seu envio é subordinado a já descrita *timeline* diária. Dessa forma, se seus usuários não checam diariamente a aplicação, só terão acesso àquele conteúdo no ano seguinte. Esta dinâmica nos faz questionar se o *Timehop* não mantém uma memória “longa”, mas paradoxalmente uma memória “curta”, capaz de durar somente um dia. Mais do que isso, este aplicativo parece propor aos seus consumidores que para que seja possível rever outras recordações, seria necessário esquecer as antigas. Em sua *timeline*, então, as memórias digitalizadas são importantes até segunda ordem, ou até o dia seguinte, quando novas memórias são revisitadas.

Finalmente, ao se aproximar de um dia em particular de nossas vidas, o *Timehop* dá a ele sua devida importância, tirando-o desta aparente sobreposição de postagens, que para o bem ou para o mal distancia estes sujeitos das memórias que um dia digitalizaram.

Este artigo é uma pesquisa preliminar, que esperamos contribuir para impulsionar novas discussões e estudos sobre as temáticas da memória no contexto das redes sociais digitais. Presumimos que em meio a avanços tecnológicos e a superprodução de dados observada no ciberespaço, discussões sobre as questões apresentadas estarão ainda mais em evidência nos próximos períodos, seja na mídia ou em pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, H. (org.). **Web 2.0. Participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRAZ, M. C. F. **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo: Annablume, 2011.

KATZ, H. **Dança do sujeito indexado.** Em: III Seminário de Pesquisa em dança – Programa de pós-graduação em Dança. Salvador, Bahia. De 03 a 06 de dezembro de 2012.

LEMO, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

SIBILIA, P. **Show do Eu**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P.; DIOGO, L. **Vitrines da intimidade na *internet*: imagens para guardar ou para mostrar?** Em: Estudos sociológicos. Araraquara, v. 16, n. 30. 2011. Páginas 127 – 139.